



o tempo dos Godos existia em Portugal uma cidade, de que nos não lembra o nome, porém sabe-se que 704 annos antes da vinda de Christo alli tinha sido assassinada uma pequerrucha chamada Ignez, por dois marotos d'alta classe. Não eram cabralistas, mas pertenciam aos honestos d'aquella época.

Annos depois alli foram guardados os ossos de muitos senhores que se chamavam (se bem nos lembram) um Sancho, um Affonso, uma Mafalda, e uma Izabel. Além disto tambem alli havia (e não sabemos se ainda ha) uma escola monstro, onde os rapazes vão aprender o B, E, BE, por que o B, A, BA, já elles levam sabido de Lisboa.

Na Gandra, tres leguas distantes, morava, no tempo de D. Diniz, um vinagreiro. Na rua das *Cozinhos* (rua crma quasi deserta, e muito çuja, pouco mais ou menos como a nossa velha Alfama) moravam dois faiantes que andavam na tal escola. Não nos lembram os nomes, mas parecemos que o Manual de Botanica de Mr. Filon, e a Arte de Furtar do padre Vieira dizem que elles se chamavam Antonio de TOMAR, e José dos Conegos (salvo o erro).

Estes rapazes endiabrados e malignos por condição chamaram um dia o vinagreiro, e depois de o conversarem bem á sua vontade poderam tirar-lhe do buxo a morada, e perceberam que o homem tinha suas louças, ganhas com vinagre, e agua que lhe deitava. Até aqui vai a cousa muito bem, mas passados tempos dirigiram-se os dois irmãos da caridade a casa do vinagreiro: entra um (era o José) pica-o com um alfinete do comprimento de palmo, e agarrando n'uma vassoura, varreu-lhe de tal modo os bahus, que os deixou tão limpos como a calva do Recta. O vinagreiro é verdade que ficou com o vinagre, mas o lixo dos bahus voou, para dentro de um sacco, que o José apanhou.

Tambem depois, lendo nós a historia da China, soubemos que em 1842 estes dois sujeitos entraram no celeste imperio, e vasculharam-o de tal sorte que se os não põem a pau para fóra do reino, talvez a es'as horas andasse o imperio tão embaralhado como as rodas de um caleche puchado a grande galope. Tambem diz a historia de Cochim, que estes dois sujeitos eram os unicos que poderiam salvar o mundo e torna-lo honesto, mas não o quiseram lá.

Afirmam outras pessoas que elles já estiveram em Lisboa, mas só se foi no tempo de nosso visavô, por que no nosso tempo não consta que estivessem na galé dois sujeitos, um José e outro Antonio, e que andassem na mesma corrente.



snr.^a D. Bernarda tendo ha dias sido atacada de febre amarella, foi entregue a bons facultativos, e o seu estado de saude (graças a Nosso Senhor) era o mais satisfatorio possivel. Estava na convalescença, e Segunda feira 22 do corrente foi dar o seu passeio (ainda que com difficuldade) até aos sitios do Calvario. Foi vêr os TAPETES; gostou, e ficou encantada. Porém ao sahir, não sabemos de onde, escorregou, deu uma canellada, torceu um pé, quebrou um dente, esfolou um cotovello, teve uma contusão em um joelho, e recolheu-se soffrendo mais uma recaída, em casa do amante José, onde se acha em u-o de banhos sulfurios d'agua mineral do Poço Novo.

Das Mercês partiram logo os facultativos necessarios, e esperam-se melhoras consideraveis. Julga-se que brevemente sahirá a passeio, em quanto *dormirem* os que lhe devem dizer — faça alto.

Nós cá estamos atraz da porta para quando ella passar por defronte das nossas janelas lhe dizermos — agua vai — e despejarinos alguma cousa.....

Até outro dia, tia Bernarda, Deos a avivente para descanço dos pequenos, e alivio dos honestos.



No archivo do *Burlesco* está tão grande porção de original para se publicar, que muitas vezes acontece esquecerem cousas de grande circumstancia.

Tinhamos uma carta do José para o Antonio, que só depois de vermos as noticias recebidas de diferentes partes, é que nos lembrou. Foi procurada, e encontrou-se, ei-la:

Lisboa 4 de Setembro de 1851.

MANO ANTONIO.

Tenho trabalhado como um damnado no negocio eleitoral, tenho gasto quasi tudo que me deixaram os coneogos (Deos os tenha em santa gloria!) tenho esgotado quasi o que tu me metteste no sacco; a Bernarda está meio semiscarumfia comigo, e diz que não pegam as bichas, os Mazzinis fazem-nos figas, o velho está levado de seiscentos diabos comigo, e com todos os honestos da nossa igrejinha: finalmente a cousa vai muito torta. Neste caso, lembro-me que eu em Nellas ainda tenho amigos, e ainda me recordo de quando lá cantei, e

gritei pelo rei-chegou. Vê tu se podes arranjar alguma seringaço n'este sentido, por que talvez se faça negocio. Ein? Que te parece? Vamos a isto? Arranja-se? Eu cá sou de cêra; se pèga, pèga, se não pèga é graça.

E' verdade que a *Nação* de papel não tem ido mal conosco, e n'esse caso, faz tu, ou promette fazeres marquezes, barões, commendadores; deixa ficar tres titulos de duques, que são para nós, por exemplo, tu duque do caleche, eu duque dos coneogos, e o João duque do badallo, e vamos a isto, cacetada nos demagogos, enforcam-se os patulêas todos, ou mandam-se para a torre.

Para a policia (que já está feita) temos um magnifico Joaquim José Maria, que eu conheço, temos um bom batalhão de Marianos, o velho foge, as instituições e outras cousas que eu cá sei vão passar.... e nós ficamos melhor que d'antes!!

Que dizes a isto? Faça-se a cousa, e morram os malhados por uma vez.

Teu mano
José.

P. S. Se a tua resposta fizer arranjo vou para Nellas, e de lá te contarei o que houver...

Resposta á carta de José.

Paris 12 de Setembro de 1851.

JOZE.

Caro fratello. — Recebi a tua carta, e vejo o que me dizes. Na verdade a cousa é magnifica, e a lembrança não é nova, por que eu sei tanto a dormir como tu acordado. Já ha alguma cousa a este respeito, mas por ora não faz arranjo fallar muito nisso, por que o *Burlesco* em o sabendo mata-nos, e a primeira que faz é caricaturar-nos como o Telles Jordão, isto é, com cabeça de burro.

Bem sei que isso para nós é nada, por que quem ouviu com tanta *frescaia* contar a historia do caleche, porcellana, Alfeite, Mealhada, commendas, contractos, companhias, coneogos, etc. etc., muito menos lhe deve importar esta, que é mais simples. Veremos o resto, e então fallarei.

Não cesses de seringar a cousa o mais que podêres, dá lhe com a honestidade pelas ventas, falla em Mazzinis, demagogos, e o mais que tu sabes, e o que fôr soar. Até outro dia.

Teu mano
Antonio.

P. S. Como está a Bernarda e o resto da familia?



Lê-se no *Braz Tizana*:
 a Mr. de Rebelli-
 nho anuncia ao
 publico que traba-
 lha agora em po-
 litica na fabrica



Forão visitar o laboratorio do
 sr. Agostini, onde se mani-
 festaram lindos bonitos de vi-
 dro. Vimos entre muitas cousas
 galantes uma garrafa, tendo
 dentro agoa, e o retrato (de vi-
 dro e em vulto) do José de
 Nellas, ainda mais parecido

que o que traz o saloio dentro da canastra,
 e que mostra por 10 rs.

Recommendamos o estabelecimento, e
 muito principalmente as pennas, que nunca
 se gastam, sendo agora mais uteis, em

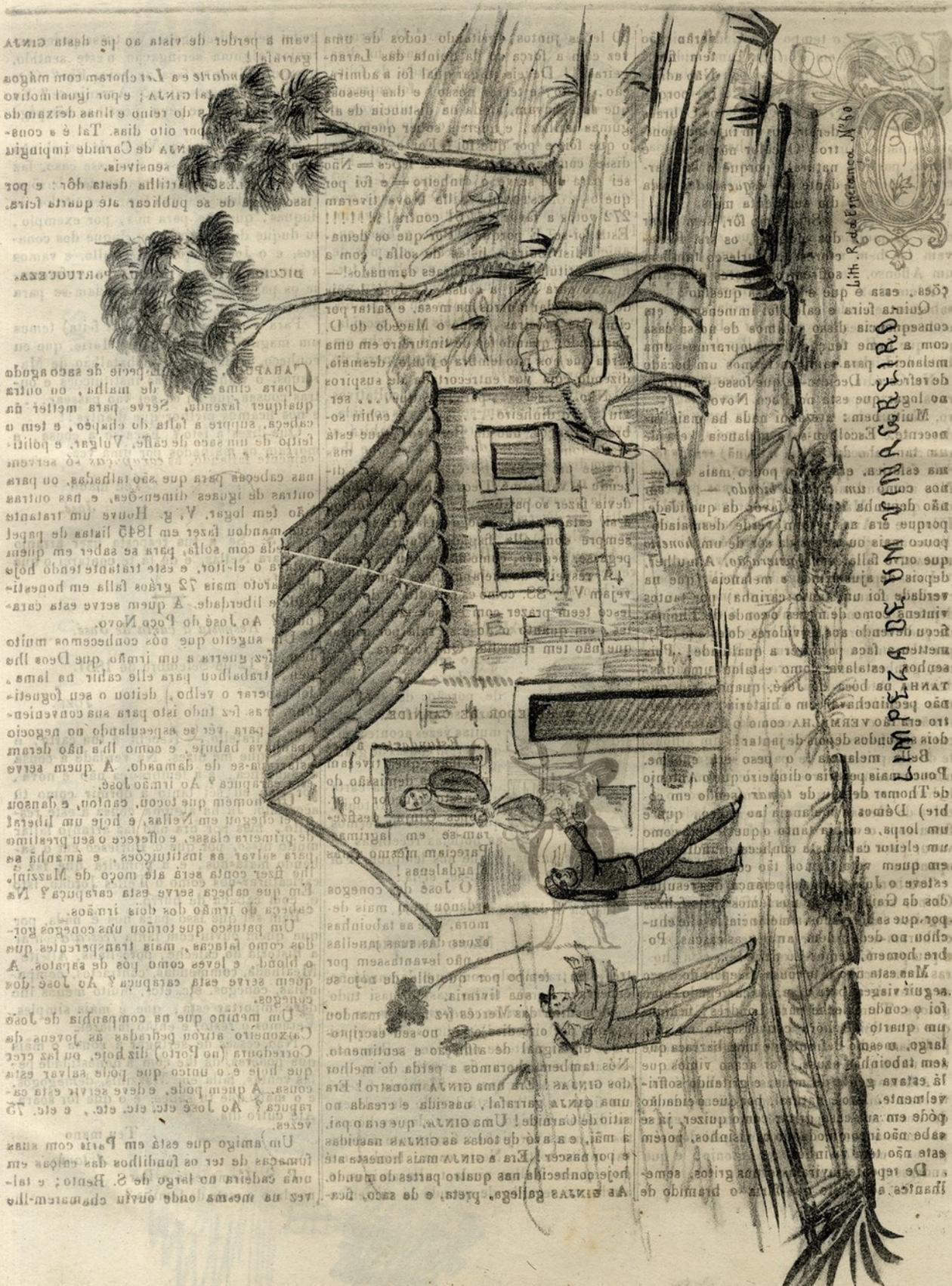
atenção á muita papelada que os honestos
 precisam rabiscar para o seu arranzozinho.

ANNUNCIO.

A cabã de chegar de Paris e de Thomar
 grande porção de *honestidade*, que se
 vende em Pedrouços a 50 rs. o quintal.

RESPONSAVEL, MANOEL JESUS COELHO

Typographia de M. de J. Coelho
 Rua do Poço dos Negros n.º 54.



Lith. R. de Esperanca. N.º 60

LITH. R. DE ESPERANCA. N.º 60